

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º	18.º Anno — XVIII Volume — N.º 598	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, m. forte)	38800	18900	5950	8120	I DE AGOSTO DE 1895	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Cactano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	45000	25000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	56000	28500	—	—		



CONSELHEIRO JAYME CONSTANTINO DE FREITAS MONIZ — SECRETARIO GERAL DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA
(Copia de uma photographia)



CHRONICA OCCIDENTAL

E, porque era inacreditavel, por isso tudo o acreditou.

E' velho. Já o outro dizia que, se o accusassem inimigos de haver roubado as torres de Notre Dame, fugia logo a sete pés.

Ora quem inventou que os padres andavam por ahi, de dia, em meio dos mercados, roubando crianças, já sabia como na atmospheria da estupidéz, a calumnia havia de abrir as azas, voar pelos ares inal cheirosos, ser assoprada pelas bocas envenenadas.

Quanto maior, mais antipathica, fosse a estulticia, melhor, mais commodamente havia de encontrar esterqueira para produzir fructos da mais baixa vileza, da mais suja cobardia.

Chega a gente a desconfiar da raça humana. Antes uma horda de assassinos, uma recua de bandidos, porque esses ao menos expõem-se á força ou ás balas, do que essa vara de cobardes estupidos, juntando-se aos cem e aos duzentos para virem medrosamente, cheios de fel, insultar homens indefesos, honrados, que nas almas, para uma victoria certa, outra coisa não tivessem, teem, como Christo, o perdão.

Isso é que elles não teem, nem podem ter, que não brota em almas vis.

E dizem então que os jesuitas aproveitam para seus fins, protegem, cultivam a ignorancia! Bem o provam tendo os melhores collegios do mundo. Ensinar é mentir, ensinar é dar azas á calumnia, ensinar, instruir, educar é transformar o povo, que tão facilmente é bom, n'essa tristissima miseria de ha dias, capaz de envergonhar uma aldeia d'Africa.

Como bem se percebe os que fogem d'isto, de tudo isto que é sujo, de tudo isto que arripia, de tudo isto que é odio, odio que as almas tão facilmente abrigam, e que depois as subjuga, as escravisa e as rebaixa até á inconsciencia do crime!

Correu, ha tempos, que alguns rapazes d'ahi, doidinhos, iam fazer-se anachoretas. Uma brincadeira d'oitto dias na Serra da Arrabida. Nenhum d'elles chegou a embarcar no vapor do Barreiro. Pois se isso começasse por brincadeira, alguns haveria que lá ficassem.

Vai o tempo para elles. Esses, sim, tinham razão.

Dizem as lendas que as mesmas feras os respeitavam. Passavam os leões pela entrada das cavernas, arredondando os dorsos, sacudindo as caudas, gemendo docemente. Vinha de longe, todas as manhãs, um corvo, trazendo no bico o meio pão de que o frade carecia para alimentar-se. Cantavam passaritos nas palmeiras e o riacho ao lado vinha cahindo de pedra em pedra. E todas as canções da natureza eram o acompanhamento d'uma oração. Nada do mundo lá chegava. A mobilia era apenas uma cruz e uma caveira. Uma esperança e um adeus.

Mas se os anachoretas acabaram, se hoje ninguém pode andar tão alheio ao mundo que tenham os corvos caridosos de lhe trazer o pão bemdito, alguns eremitérios ainda existem, onde homens procuram em meia duzia de palmos de terra, em que brotam flores, em que ha sebes amadas pelos melros, fontes procuradas pelos rouxinoes, longe de paixões a felicidade, longe de luctas a paz, longe dos homens o amor.

Nas faldas da Serra de S. Luiz vive, só com os seus e meia duzia de amigos que de quando em quando o visitam, um d'esses homens, rapaz muito novo ainda, a quem vaidades do mundo não seduzem, que umas primeiras luctas deixaram talvez cansado, a quem uma ou outra desillusão fez volver os olhos, que sabem ver longe, para outra luz immarcescível, perenne, que só se apaga para os olhos que se fecham.

Do terraço ajardinado da casa pequenina avista-se a serra toda, em ondas, verdejante, e florida, espelhando os seus pomares nas aguas tranquilas do Sado. Aqui, além, ruínas falando dos tempos que foram, casellos sobre as rochas negras, casitas brancas a rir entre a folhagem escura. A cidade toda lá em baixo, grupo confuso de casarias, torres de egrejas, chaminés de fabricas, e do outro lado do rio, um bocadinho d'ouro junto d'uma saphira, o areal de Troia.

Ali vive, ali trabalha, n'um socego inspirador, um poeta, filho de poeta, Arronches Junqueiro.

Vivendo com a natureza, escutando-a a cada hora, destrinchando misterios, resolvendo enigmas, ouvindo lhe os segredos, veio-lhe da intimidade

a paixão. Ajudou-o o amor do estudo. Trabalhou e conseguiu.

Uma das sallas da casa acha-se transformada já n'um magnifico museu de historia natural, cujas colleções todos os dias vão aumentando. A fauna, a flora e os mineraes da serra são mina inexgotavel. De noite, quando se lhe tornou impossivel o trabalho da terra, a sua luneta astronomica revela-lhe os segredos do céu.

E foi ali longe de paixões humanas, afóra as que elle cultivava no coração por seus paes, esposa, amigos, que Arronches Junqueiro se sentiu poeta e compoz as *Flores á Alma*.

Pinheiro Chagas animou-o. Com tão bom padrinho os versos sahiram á luz. Tenho aqui o livro sobre a minha mesa. Mais uma vez acabo de folhear-o.

Faz bem ler esses versos de que diz o auctor:

São singelos de mais, não teem cultura.

São versos lá da serra. Teem um aroma virginal. Sabem tão bem como um copo d'agua pura, bebido ali, ao pé de fonte. Uma ou outra vez, um bocadinho de philosophia d'uma alma simples, apenas para dar relevo á frescura immaculada de pequeninos quadros copiados em flagrante da natureza viva.

Dois traços negros poem um signal de luto junto ao soneto por elle offerecido á memoria de Julio Diniz.

Vive o teu coração nas obras tuas!...

Era provavelmente o seu auctor valido. Devia sel-o. A alma de Arronches Junqueiro é feita para perceber a candura d'essa outra alma, que só tinha sonhos bons.

Na tranquillidade em que vive, n'esse amor da natureza, alumia-o o fanal a que se refere na sua *Galanthina*.

*Assim na vida real,
Na vasta geleira immensa,
D'entre os gelos da descrença,
Surge da esp'rança o phanal*

Para a descripção dos seus quadros molho o pincel nas tintas mais frescas da sua palleta. A musica do verso ajuda-o. Assim esta singelissima quadra da *Volta da Pesca*:

*A' praia veem dar serenamente
As ondas em murmurios compassados.
Alvejam lá nos longes azulados
As barcas que navegam docemente.*

O odio, as paixões que arrebatam foram banidas do livro. Os sentimentos decadencia que levam os homens ao amor das aberrações não teem um hemistichio n'aquellas duzentas paginas. Na alma simples do poeta nunca tiveram abrigo; na sua ignorancia do mundo não os conheceu nos outros.

Quando se acha, na terra o poeta pede á alma que lhe mostre os céos, que lhe diga a génesis do mundo. E vó com ella até aos confins do universo, ouve lhe a historia das primeiras nebulosas, do globo de fogo enorme onde hoje se concentra a luz; observa o movimento dos planetas, até que entra na orbita de Neptuno. A terra já se não avista, o sol é uma pequenina estrella nos confins do céu. Entra no espaço constellado, no ether sempre em movimento, onde se gera o raio, onde se forma a esphera, de que a natureza ha de fazer mil mundos. Um cometa desgrenhado corre, desaparece. Milhões de soes brilham ao longe. Avante! São milhões de milhões de côres, myriades de soes todos girando, todos espargindo a a luz. Avante! Avante! Corre sem cessar no espaço illimitado. Os horizontes fogem. E o poeta pergunta á alma onde está, até onde é que ella o arrastou. E a alma responde-lhe sorrindo:

«Estás, pobre mortal, no atrio do Infinito!

Franca, francamente. prefiro as poesias simples do livro do Arronches Junqueiro ás frases sonoras d'um artigo contra os padres.

E, para terminar, uma boa nova: Acha-se entre nós um afamado pianista e compositor brasileiro, Carlos de Mesquita, que brevemente fará ouvir as suas composições ao publico de Lisboa.

Sem darmos em anachoretas um ou outro refugio encontraremos sempre.

JOÃO DA CAMARA.

Conselheiro Jayme Constantino de Freitas Moniz

Registramos hoje, ao illustrar a nossa primeira pagina com o retrato do sr. conselheiro Jayme Constantino de Freitas Moniz a sua eleição ao eminente lugar de secretario geral da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Lente e director do Curso Superior de Lettras, director da secretaria da camara dos deputados, membro do conselho superior de instrucção publica, par do reino, ministro de estado honorario, o sr. conselheiro Jayme Moniz é uma das mais illustres capacidades intellectuaes do nosso paiz a que tem prestado valiosos serviços e mormente á instrucção.

O inspirado poeta e nosso amigo, o academico Bulhão Pato, no tomo II das suas *Memorias* desenha com tanta verdade o perfil do ministro madeirense que, nada de melhor poderíamos apresentar aos nossos leitores dos que esse delicioso trecho do brilhante auctor da *Paqueta*:

No meio do bullicio e alvoroço da festa infantil, onde havia homens como Luiz da Costa Pereira, e mulheres como a que acabo de descrever, chegou-se a mim um rapaz, que teria os seus treze para quatorze annos, e rara viveza. Dirigiu-me palavras affectivas e entusiasticas. A sua imaginação, já brilhante, engrandecia e illuminava o meu nome modesto, que vira firmado no meu primeiro livro de versos. Chamava-se este rapaz — Jayme Constantino de Freitas Moniz.

Esse dia não o esqueceu elle nunca; muitas vezes me tem dito, que, entre as recordações da sua infancia, aquella é a mais grata.

Annos depois, creio que no terceiro do seu curso de Coimbra, Jayme bateu á porta de Alexandre Herculano, sem carta de recommendação. Queria conhecer pessoalmente o homem, a quem os rapazes do tempo votavam, não só admiração pelo talento, mas profundo respeito pelo caracter. Assim que o vi reconheci-o logo, e deu-me viva alegria a apparição imprevista.

Dois ou tres annos depois completava elle o seu curso, onde alcançou, sem interrupção, os primeiros premios. Havia-se fundado o Curso Superior de Lettras; veiu concorrer a uma cadeira. Frequentava a minha casa como, se, além de amigo, fosse proximo parente.

Chegou o dia do concurso. A concorrência era grande, no bello salão da bibliotheca da Academia. Apesar da confiança que eu tinha no talento do candidato, tremi como vara verde! O concurso foi esplendido, e é cabido aqui o epitheto, que uns patetas andam a estragar, ha tempos. Esplendido é que o concurso foi! Jayme Moniz conquistara com o gladio da intelligencia, e só com o seu braço, uma posição, que, além de brilhante, o tornava independente. Podia, sem se vêr a braços com as miserias da vida, satisfazer a sua paixão pelo estudo.

Que dia foi esse para nós! Abraçámo-nos contendo a custo as lagrimas, e depois, acompanhados por Alexandre Balduino Severo de Mendonça, grande alma e desenganado valente, que morreu juiz da Relação de Goa, fomos celebrar a nossa gloria — Jayme repartia por nós a sua — creio que no Penim.

Jayme Moniz subiu á cathedra. As aulas eram de noite. Rebello da Silva, n'aquella mesma casa, tinha feito lições extraordinarias. Jayme Moniz attrahia sobre si a attenção de quantos presavam as lettras. Todas as noites se enchia a sala.

O moço professor, alto, bella cabeça, povoada de cabelos revoltos e negros, pallido, sympathico e insinuante. Rara facilidade de locução; ás vezes, o verbo perdia por exorbitante, emquanto a pratica e estudo não foram decotando o estylo.

Em poucos homens tenho conhecido tão elevados dotes de orador. E' lhe facil o improviso, elegante a phrase, vasto e solido o saber. Com estes dotes, quando não tivesse o temperamento de tribuno, devia de ser parlamentar de primeira plana, vigoroso, fecundo e temível. Não é, e não é, por que não tem confiança em si. Hesita, trepida; não respira com desafojo no ambiente politico. Se tal não se desse, ninguém hoje, nem hontem, lhe levaria a melhor; o maximo que poderia encontrar, era quem se medisse com elle de hombro a hombro.

Este homem, que, desde os seus exames na Universidade até ao concurso, e ás lições depois, se habituara a encarar os grandes auditórios não só com sangue frio, mas com hombridade — m sentido de altiveza soberba e destemida, que tam-

bem a palavra significa — no parlamento prefere o silencio, e deixa tagarellar muitos garrulos, enfunados e vãos! Quando o assumpto é didactico, deixa mão da sua sciencia, e é orador elevado e brilhante. Tirar, porém, da bainha a espada coruscante, lamina de Toledo, e carregar, á escala vista, o inimigo, nunca jámais! Receia o aparte? De que lhe serve a fecundidade do seu verbo? Intimida-o a réplica? Não tem á mão o seu arsenal como argumentador?

Ao poder intellectual reúne a honradez, que é grande força. Possui dotes physicos como poucos; presença insinuante, gesto largo, estatura elevada; sobre os hombros varonis, bem posta a cabeça correctiva, e illuminada pelo talento; voz masculina, modulações suggestivas e attrahentes. Pois com tudo isto, que é tão raro, que é rarissimo, no Parlamento deixa-se ficar na sombra!

Embora — Jayme Moniz é dos homens de mais saber, que tem hoje Portugal. Está na força da vida, e de certo firmará o seu nome, sempre brilhante, em obra condigna das suas elevadas e excepçoes faculdades.

No momento em que escrevo estas linhas, viaja elle pela Allemanha. Sabendo a fundo a lingua de Schiller, quanto não terá a admirar e a receber a sua cabeça, n'aquelle cosmos intellectual!

Monte de Caparica. Torre. Maio, 3, 1894.

Bulhão Pato.



AS NOSSAS GRAVURAS

A CRUZ DE D. SANCHO

Esta lindissima cruz, a mais formosa e antiga obra da ourivesaria portugueza, coeva dos primeiros tempos da monarchia, é um monumento artistico cuja historia está ligada aos nossos primeiros reis.

Pertenceu a D. Sancho I, como se vê do seguinte legado no testamento do rei *povoador*, feito em 1209:

«*Monasterio Sanctae Crucis ubi corpus meum sepelire iubeo mando x. et meam capellam, et copiam meam auri, ut faciant ex ea unam crucem, et unum calicem.*»

É curiosa a historia da referida cruz. Frei Nicolau de Santa Maria, na sua chronica dos conegos regentes de Santo Agostinho, alguma coisa menciona a seu respeito.

Outros escriptores attribuem-lhe que, no anno de 1128, quando D. Affonso Henriques saiu ao encontro de Affonso III de Castella, seu primo, e lhe deu batalha na Veiga de Val de Vez, obteve entre outros despojos uma grande reliquia do Santo Lenho, que depositou na igreja da Grade, distante uma legua do lugar da victoria. D'ella tirou o esforçado monarcha uma parte para si, que trazia em uma cruz de ouro, a qual deu depois ao seu confessor S. Theotónio, para lhe servir de cruz peitoral nos pontificaes.

Nos *Monumenta Historica*, de A. Herculano, lê-se a paginas 24 da parte *Scriptores*:

«O Muy noble Rey dom Sancho, que jaz em o mosteiro da virtuosa cruz, pos aqui huma cruz d'ouro com algumas pedras de virtude, e em o meo da cruz do lenho em que se ue Christo nosso redemptor. E d'este lenho furtarom muyto.»

Quanto ao peso, a cruz apresenta mais noventa e cinco grammas, do que tinha em antigas epochas. Esse augmento é devido a um tosco addicionalmento de prata que lhe pozeram para servir has-teda proçionalmente, do que resulta pesar 1:873 e meio grammas, afóra as pedras finas de que está ornada.

A magnifica gravura que apresentamos dispensa nos pertitamente de descrever essa primorosa cruz.

No reverso ha uma inscripção em cuja ultima linha se lê a data de M. CC. XIII.

Esta face da cruz tem, ao centro, inscripto n'um circulo, o *Agnus Dei*, e nas extremidades os sym-bolos dos quatro evangelistas, que, como os ornatos, são gravados a buril.

CALIX E PATENA DE PRATA DOURADA

Esta joia artistica da nossa ourivesaria pertence a uma cruz de D. Sancho, acima falada, ao thesouro da casa real portugueza. E' apresentada egualmente na exposiçao de arte sacra-ornamental, por Sua Magestade El-Rei.

A patena nada tem que vêr com o calice, pois que evidentemente pertenceu a outro menos rico. Todavia, guarda-se com elle e é lindissima, tem ao centro, em baixo relevo, a imagem de um santo, e na orla a oraçao:

AVE MARYA PRENA GRACYA DOMY

No reverso vê-se a divisa da ordem de S. Domingos. O seu diametro é de 21 centimetros.

Apesar de ter proveniencia differente do calix, evidencia ter sido feita na mesma epoca.

Tratando agora do precioso calix, que poderemos nós dizer melhor do que a nossa bella gravura deixa perceber?

E' obra aprimorada, eminentemente artistica, dos fins do seculo xv, e pertenceu ao convento de Christo, de Thomar. E' de prata dourada e tem de altura 355 milimetros.

A base d'esse formosissimo calix é larga, apresentando na projecção horisontal uma figura hexagonica cujas faces são quebradas por molduras salientes que lhe dão uma forma quasi circular. E' lindamente ornada, trabalho delicadissimo todo a buril, tendo em cada painel umas figurinhas em baixo relevo, que com as dos pé, que sobre ella se ergue, representam varias scenas do nascimento e paixao de Christo.

O pé, apesar de rendilhado finamente, no estylo gothico, é de extrema solidez. Tem extraordinaria leveza e bellissima graça. Sobre elle está a copa, em volta da qual se lê a seguinte inscripção:

SALVTARIS ACIPIAM EN CALYCM

Inferiormente á legenda ha seis nichos, contendo cada um dois apostolos em baixo relevo. Da sua parte inferior e dos intervallos dos nichos pendem tintinabulos.

OS MANUSCRIPTOS ILLUMINADOS

XIV

BIBLIOTHECA DA UNIVERSIDADE E ARCHIVOS DE COIMBRA

(Continuado do n.º 597)

Este livro está desde muito na bibliotheca da Universidade e todavia é de seculos ainda proximos, quer dizer, logo depois de escripto veiu para ella.

Todos os tres volumes estão fortemente encadernados.

Lombarda in omnes psalmos. Notavel codice, dos principios do seculo xiii. Volume em folio, de bom pergaminho e magnifica letra semi-germanica.

Tem as duas primeiras letras capitaes illuminadas.

A segunda representa um B, de Beatus Virgini, bem ornamentada e no centro d'ella vê-se David tocando a harpa.

Chronica de D. Affonso Henriques por Duarte Galvão.

Manuscripto em folio, dos fins do seculo xv, porém com a graphia e calligraphia antiquadas. Na primeira pagina ha o retrato e as armas de Duarte de Galvam miniatura esta muito agradavel á vista.

No principio vem uma biographia, inedita, do auctor, por Lourenço Anastacio Mexia Galvão que era neto de um irmão de Duarte Galvão. É escusado dizer que esta biographia está escripta com letra mais moderna.

Quanto a illuminuras são muito finas e delicadas, mimosas até por vezes.

Como foi feito no reinado de D. Manuel apparecem dois anjos segurando a esphera armilar e o brazão d'el rei, posto em diagonal e timbrado pelo elmo sobre o qual ha um dragão. Da crista sahem uns paquifes que graciosamente se desenrolam ornamentando assim o campo do escudo.

As tarjas são miniadas com delicadeza e as letras iniciaes, uns verdadeiros primores de delicosa pintura: representam flores, fructos, etc;

Na exposiçao de arte sacra ornamental, encontram-se, actualmente, alguns d'estes codices pertencentes á bibliotheca da Universidade.

E. P.

assumptos que todavia não são os mais justos com respeito ao que se trata na chronica.

Biblia, codice em oitavo, do seculo xvi, encadernação primitiva, tem mais de quinhentas folhas de finissimo pergaminho e letra muito miuda, no genero das outras Sibilias citadas.

Corpus Juris Civil.—Manuscripto cuja primeira parte foi escripta em 1348 segundo a nota do escrevente a qual está no fim do Digesto. As suas illuminuras, sobre finissimo ouro brunido, limitam-se á ornamentação das letras iniciaes. Predominam as figuras accusando uma factura não despi-da de arte. Uma coisa curiosa: Algumas figuras apontam com a mão, outras simplesmente a levantam, mas todos tem um dos dedos de tal tamanho que as justas proporções decerto não foram attendidas do illuminador que, todavia, era um verdadeiro artista.

Livro de Horas. Eis o manuscripto que artisticamente achámos mais importante na collecção de manuscriptos illuminados da Universidade de Coimbra.

Tem 122 folios de fino pergaminho bem coberto com letra larga dos fins do seculo xv.

As tarjas que guarnecem as primeiras paginas de cada officio tem factura delicada, porém sem grandes arroubos de composição ornamental, e entre si não offerecem notaveis differenças.

As suas estampas são verdadeiramente boas, e é para lastimar que desaparecessem sete, roubadas do livro. Quem as possuia, apresentou-as soltas, impudentemente, na exposiçao da Arte ornamental, (1882) onde então as vimos, sem suspeitar a sua proveniencia.

O desenho das figuras, nas estampas que o livro ainda tem, mostra-se correcto e delicado; representam os seguintes passos da vida da Virgem: A *Annunciação*, que é mimosissimo, e em virtude das estampas que faltam, encontramos a seguir a dos *anjos annunciando aos pastores o nascimento de Christo; a apresentação de Jesus no Templo; o juizo de Salomão; a coroação de Nossa Senhora, e David orando ante a Arca santa*, todas estas estampas são de cores vivas, e de fino desenho.

O Baptismo. Extracto do ritual que a Igreja recebeu para a cerimonia do baptismo. É um manuscripto, em quarto grande, de bom pergaminho, bem lançada escripta e cujas letras capitaes são finamente illuminadas, de uma correcção de desenho verdadeiramente notavel.

A tarja do frontispicio, é no estylo raphaelesco: ornatos da Renascença, cambiantados delicadamente a verde-agua, azul-céu, rosa-escuro e outros tons mimosos.

Tem quarenta e quatro paginas e em todas ha mais d'uma letra inicial colorida.

Biblia Sacra. Manuscripto de bom pergaminho em quarto: A folhas quatro, vimos uma arvore de Jessé — aos lados da qual está a Madona aconchegando a seu peito o Filho. Ha uma figurinha junto ao calvario cuja expressão de tristeza accusa não habil. Todavia as outras figurinhas mostram ser obra de artista inferior.

Este livro está bem encadernado e dourado por folhas.

Lenda da Rainha Santa. Manuscripto com duas magnificas illuminuras, em pergaminho. Na primeira, vê-se as armas de Portugal e Aragão e na segunda o retrato da rainha, que veste um singelo habito de estamenha cingido pelo cordão de esparto franciscano; na cabeça um veu de freira e corôa de espinhos, na mão um crucifixo. Esta illuminura, é do seculo xvi (1592) pelo que se vê na outra estampa; tem factura notavel, delicada accusando bem traduzida affectividade no rosto e figura da santa.

Esta illuminura acha-se reproduzida na obra do Dr. Garcia de Vasconcellos. Os dois anjos que supportam o escudo das armas são de muito bom desenho pelo que não hesitamos em taxar de precioso este manuscripto, ainda que a certo inspector das nossas bibliothecas isso não parecesse.

Damos lugar, aqui, ao seguinte manuscripto que vimos no archivo da Camara de Coimbra:

Foral de Coimbra. Manuscripto, em quarto grande, com trinta e uma folhas de pergaminho.

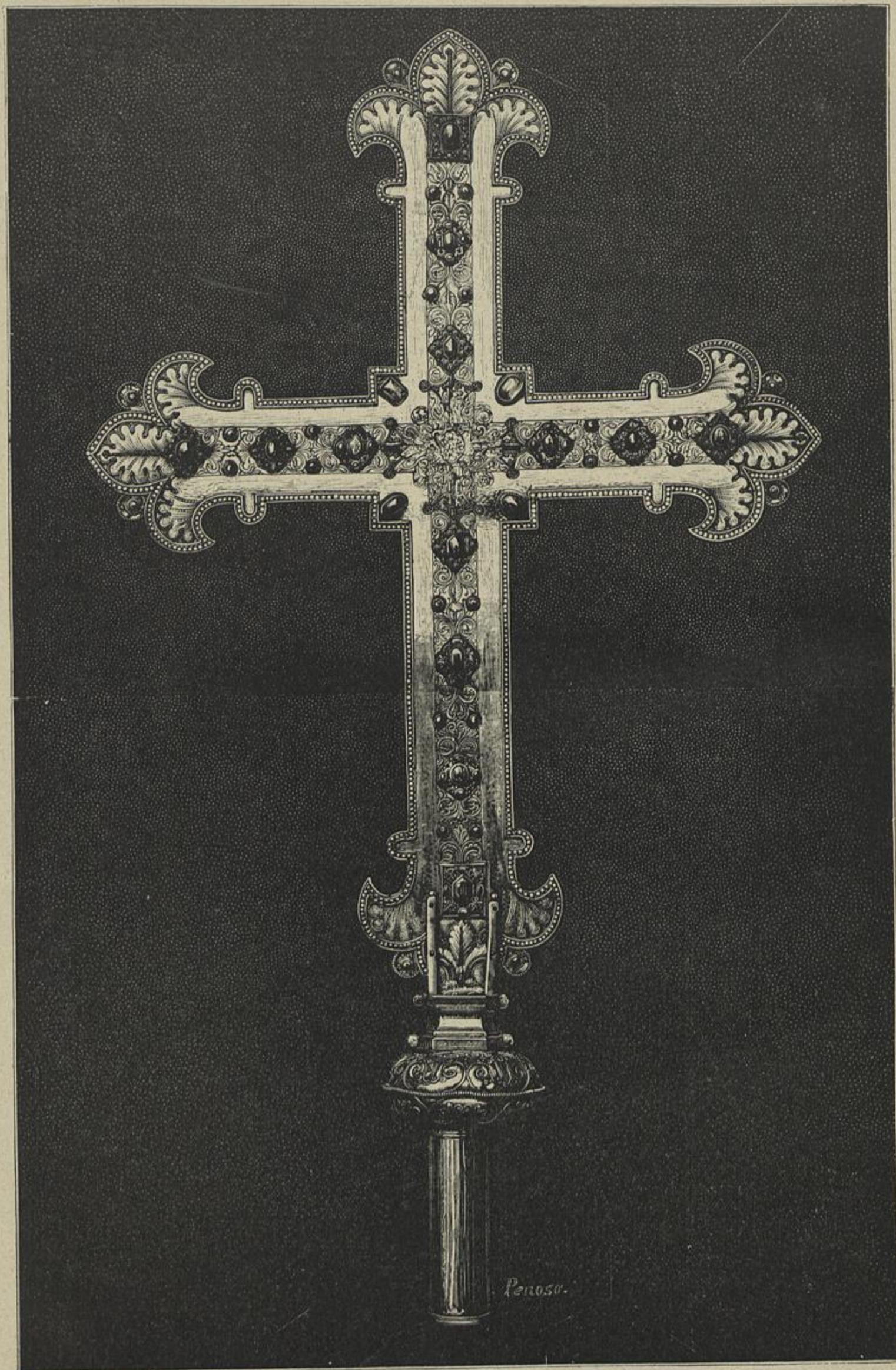
Contem a carta de foral da cidade, dada em 4 de agosto de 1516, com o respectivo indice.

Começa o foral, como todos os que temos visto, pelo nome de DOM MANUEL, a ouro sobre azul tendo pela parte superior o escudo coroadado das armas do reino ladeadas por duas espheras armilares.

(Continúa.)

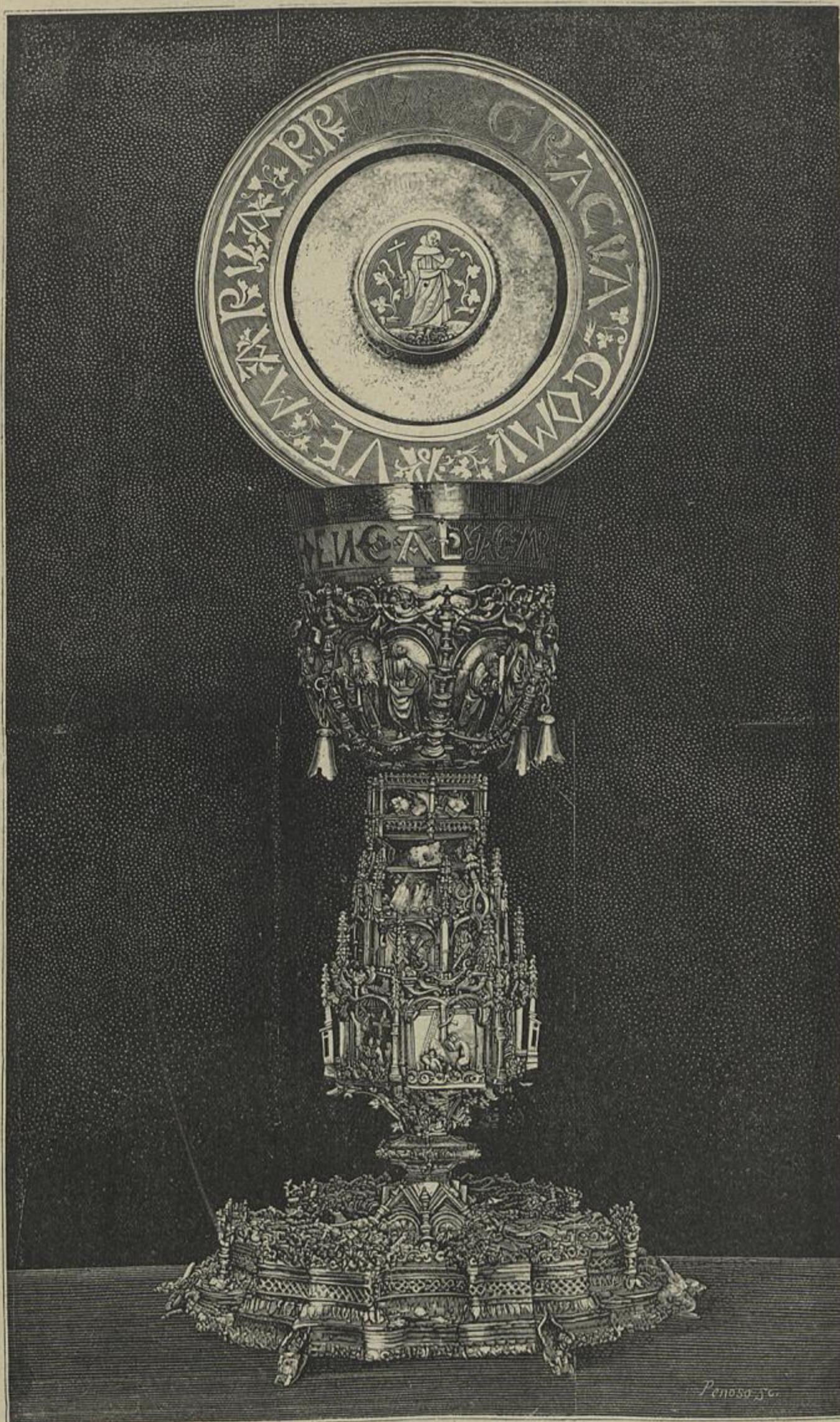
Estevos Pereira.

VII CENTENARIO DE SANTO ANTONIO



EXPOSIÇÃO DE ARTE SACRA ORNAMENTAL — CRUZ DE D. SANCHO I, PERTENCENTE AO MUSEU REAL DA AJUDA
(Cópia de uma photographia de Laurent)

VII CENTENARIO DE SANTO ANTONIO



EXPOSIÇÃO DE ARTE SACRA ORNAMENTAL — CALIX E PATENA DE PRATA DOURADA, DO MUSEU DA AJUDA
(Cópia de uma photographia de Laurent)

administradores. Mas os grandes financeiros são quasi tão raros como os grandes poetas, accrescendo a circumstancia de que é muito mais difficil manobrar com as cifras, do que encontrar rimas para a inspiração.

O sr. Carrilho com a sua orçamentologia eleva ou deprime muito mais os creditos de Portugal, que João de Deus com as suas *Flôres de Campo*, faz subir ou baixar os fundos, e se assim é no positivismo esmagador da realidade da vida, imagine-se que valôr podem ter as opiniões descontraídas dos criticos financeiros, que defendem ou attacam por dever de officio ou de facção partidaria, contas de que não percebem nada, e que, sabe Deus, o trabalhão que deram a quem as fez para as apresentar assim tão bonitas, tão lisongeiras, tão florescentes, n'esta terra, em que, apesar de nos telhados desabrochar a flôr de arroz, as finanças andavam murchas, decadentes osificadas como coisa de ar mau que lhes tinha dado.

É evidente que a discussão esteril em artigos nephelibatas não podia interessar o publico, que depois de lêr uns e outros ficava na mesma escuridão e o mais que podia concluir é que os criticos sabiam tanto como elle da questão que se debatia. Não sabiam nada!

N'estes termos os jornaes puzeram ponto na questão, e ficaram para ahí ás moscas sem terem nada com que intrometer a curiosidade indigena, até que um bello dia, o dia 30 de julho, deu que fallar de si, muito mais que o dia 24, commemorativo da entrada das forças liberaes em Lisboa, de que já ninguem quer saber, nem mesmo o sr. ministro da guerra, apesar de o accusarem de fazer festas e mais festas.

A festa d'esta vez foi outra e pela originalidade mais pareceu passar-se nos sertões d'Africa do que no seio de uma capital da velha Europa.

Vinham já de alguns dias os preparativos. Algumas folhas, por ventura muito bem intencionadas, mas um tanto exploradoras da ignorancia e ingenuidade popular, insistiam no desaparecimento diario de muitas creanças da cidade, insinuando que essas creanças eram roubadas pelos jesuitas, que assim contavam engrossar as fileiras do seu exercito de sotainas, preferindo, ao que parece, educar aquellas tenras vergontes nas suas jesuiticas doutrinas, a converter adultos á fé dos seus principios. Assim chegariam mais depressa ao fim e ficaria mais barata e menos perigosa a propaganda.

Isto era, talvez um desforço, um tanto pacovio, de umas certas doutrinas reaccionarias expendidas no congresso catholico, mas nem por isso deixou de produzir effeito na alma popular, e a imaginação tratou logo de avolumar e até mesmo phantasiar o caso ressuscitando a lenda do homem da alfeloa, que ha annos fez o terror das mães de familia com a sua nefanda industria de apanhar creanças para as matar e extrahir d'ellas oleo humano.

Um horror!

O homem da alfeloa, tinha-se pois encarnado nos jesuitas, isto é em todos os individuos de sotaina e sem ella, mas que tivessem a cara rapada incluindo os actores, os cocheiros, os criados de meza e todos quantos por gosto ou conveniencia se consideram no seu pleno direito de não usar barba.

É n'esta disposição o espirito popular poz-se á espreita do primeiro que apanhasse com a bocca na botija.

Coube a sorte a um seminarista que, na rua da Bitesga tropeçou n'uma creança e se baixou para a levantar. O desgraçado estava perdido. Os gritos de: *malta que é jesuita*, soldados por duzias de collarejas da Praça da Figueira, alarmaram o sitio e propagaram-se por varios pontos da cidade onde apparecia algum infeliz de cara rapada, e Lisboa transformou-se de repente em uma tribu de cafres substituindo as zagaias eivadas de veneno, pelas pedradas cheias de odio, arremessadas contra os suppostos roubadores de creanças.

Nunca se virá uma coisa assim, em que as mulheres, com o natural instincto da defeza de seus filhos, pareciam umas pantheras, para que nada faltasse á scena selvagem que se passou na cidade.

A' vista d'isto não se pôde deixar de concordar quão instructiva e educativa tem sido e está sendo para o povo a leitura ou soletração de certas folhas.

Pobre povo que é explorado por todos os modos, desde os poderes publicos que te deixam fazer na ignorancia, até áquelles, não menos ignorantes, mas por ventura mais espertos, que te exploram essa ignorancia.

Toma cuidado com os jesuitas que te roubam os filhos para fazer oleo humano, e não te acouteles menos com os que te roubam os dezerzinhos para te envenenarem a alma.

E agora leitor amigo deixae crescer as barbas, se usaes a cara rapada, ou se as não tendes arranjadas postigas, se quereis transitar incolume por este sertão de Lisboa, para que vos não tomem por algum jesuita ou homem da alfeloa.

João Verdades.

NECROLOGIA



JOSÉ ANTONIO DOS PRAZERES E COSTA

FALLECIDO EM 21 DE MARÇO DE 1895

No dia 21 de março do presente anno, finou-se Orlim, o sr. José Antonio dos Prazeres e Costa, que foi um cidadão prestante e por mais de um titulo, digno de se enumerar, n'esta galeria funebre, em que tantos homens illustres pelo saber e serviços prestados á sua patria, tem vindo infleirar-se, mais ou menos prematuramente, mas sempre pranteados, porque é sempre sentida a falta de homens uteis e que deixam de si memoria gloriosa e honrada.

É do numero d'estes José Antonio dos Prazeres e Costa, embora pouco conhecido na metropole, o seu nome era dos mais populares na India portugueza, como o de um portuguez benemerito, que soube illustrar o nome, prestando bons serviços ao seu paiz.

José Antonio dos Prazeres Costa, nasceu em Moçambique, em 28 de setembro de 1843, mas a melhor parte da sua vida passou em Goa, Salsete e Orlim. Descendente de uma familia opulenta, cedo teve que entrar na administração de seus bens, por morte de seu pae, e desde então revelou a sua capacidade administrativa e espirito moderno, introduzindo na cultura das suas vastas propriedades agricolas todos os melhoramentos, que o progresso tem trazido á agricultura.

Exerceu elevados cargos administrativos, para que o sufragio popular o escolheu, taes como, o de presidente da camara municipal de Salsete, presidente da commissão de recenseamento, juiz ordinario do julgado de Orlim, commissario do delegado do procurador da corôa e fazenda, membro da commissão de estudos das estradas vicinaes de Goa, e muitas outras commissões que attestam a sua rara aptidão e intelligencia, pela maneira honrosa e superior com que sempre se desempenhou d'ellas.

O seu conselho era sempre procurado com interesse, como advogado, na comarca de Salsete, provando em todas as questões os seus elevados dotes intellectuaes, o que tudo lhe mereceu a justa popularidade que alcançou entre os seus conterraneos.

N'estas circumstancias a sua morte não podia deixar de ser muito sentida em Orlim, e algumas folhas da India que temos á vista se referem a ella, em sentidas phrases, fazendo o elogio do illustre extinto.

Nós aqui distantes, na terra d'onde Vasco da Gama partiu para a descoberta d'aquelle paiz, que devia ser o imperio portuguez do Oriente, associamo-nos a essas demonstrações de sentimento enviando os nossos sentidos pesames á illustre viuva á ex.^{ma} sr.^a D. Maria Filomena Gualdina Monteiro dos Prazeres e Costa, e a seus filhos.



O MAESTRO SUPPÉ

FALLECIDO EM 22 DE MAIO DE 1895

A 22 de Maio do corrente anno, finou-se, em Vienna de Austria, este famigerado *maestrino*, cujas produções musicas: — operettas, sainetes e operas burlescas, tamanha popularidade attingiram.

Franz von Suppé, éra, como Offenbach, de nacionalidade austriaca, e os viennenses pretendiam exaltar-lhe o nome, e pôl-o a par d'aquelle genialissimo iniciador da caricatura musical, do inventor da *gargalhada em musica*; apreciação manifestamente exaggerada, pois que ao maestro Suppé, talento brihantissimo, sem duvida, artista de fecunda imaginação, dotado de fino gosto, de admiravel tacto musical e cabal entendimento das exigencias scenicas, faltavam todavia a poderosa originalidade e a inimitavel veia comica do seu antecessor e compatriota Offenbach, esse *enfant gaté* do segundo imperio.

Suppé nascera em Spalato, na Dalmacia, a 18 de Abril de 1820. Seu pae, cuja situação, como funcionario publico, era, n'aquella provincia, assaz importante, destinava-o a uma carreira scientifica; e, n'essa conformidade, fêl-o entrar para a universidade de Vienna. Impellido, porém, pela irresistivel vocação, Suppé empregou, desde logo, o melhor do seu tempo no estudo da musica, e com prodigiosa rapidez adquiriu singular proficiencia em diversos instrumentos; dedicando-se, simultaneamente, com notavel exito, ao contraponto e á harmonia, que cultivou sob a direcção do reputado professor Seyfried. Decorridos poucos annos, accetava um lugar de maestro ensaiador no theatro de Josefstadt, posição esta que não tardou, porem, a abandonar, levando depois, durante longo prazo de tempo, vida errante e um tanto aventureira; até que, chamado de novo a Vienna, começou a escrever musica para comedias e sainetes, que o publico recebeu sempre com signaes de agrado; e em breve encetou a série brihante d'essas numerosas operettas que tão popular tornavam o seu nome. As principaes foram: *Formosa Galathêa*. — *Dama de Paus*. — *Cavallaria Ligeira*. — *Franz Schubert*. — *Princesa de Dragant*. — *Artimanhas de bandido*. — *Fatinizza*. — *Extravangancias de Rapaz*. — *Boccaccio*. — *D. Juanita*, etc. — Distingue-se, comtudo, entre todas as suas obras, a admiravel symphonia de abertura para a peça intitulada: *O Poeta e o Rustico*, composição que, não só correu mundo, como tambem logrou enriquecer o editor; mas que, para o pobre do auctor, foi apenas um d'esses muitos exemplos: *da fama sem proveito*: — Suppé recebeu pela sua genialissima obra prima a modica quantia de 40 florins.

O publico viennense grato ao seu maestrino predilecto, fez-lhe sumptuosissimo funeral.

P. S.

Almanach illustrado do «OCCIDENTE» para 1896

Está no prelo este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

Recebem-se annuncios, charadas etc. para este almanach até o dia 30 do corrente.

Empreza do «OCCIDENTE»

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 57